

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p60113>

# POTENCIAL ANALÍTICO DOS GÊNEROS DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Marcela Langa Lacerda, Edair Maria Görski

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5030>

Submetido em: 2022-11-08

Postado em: 2022-11-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## POTENCIAL ANALÍTICO DOS GÊNEROS DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS VARIACIONISTAS<sup>1</sup>

### ANALYTICAL POTENTIAL OF DISCOURSE GENRES FOR THE VARIATIONIST STUDIES

**Tipo de Contribuição:** Revisão de Literatura

**Marcela LANGA-LACERDA<sup>2</sup>**

**Edair Maria GÖRSKI<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Por diferentes vias, estudos variacionistas têm recorrido aos Escritos do Círculo de Bakhtin, particularmente à noção de gêneros do discurso. Este texto objetiva refletir sobre por que os gêneros do discurso são relevantes para os estudos variacionistas, especialmente para os de terceira onda, que têm como questão central a noção de estilo. Por meio de pesquisa bibliográfica, examinam-se parte da literatura da terceira onda variacionista (ECKERT, 2012, 2016, 2018; KIESLING, 2013; COUPLAND, 2007) e parte da literatura da abordagem bakhtiniana (BAKHTIN, 2011, 2014; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013) com foco na noção de estilo, para (i) indicar alguns pontos de contato entre essas abordagens e (ii) articulá-las, em alguns outros pontos, com vistas a contribuir com a produção de conhecimento em torno do objetivo aqui proposto. Os resultados dessa reflexão indicam que os gêneros do discurso são relevantes para os interesses dos estudos de terceira onda porque (i) o estilo linguístico é uma propriedade dos gêneros do discurso; e (ii) uma compreensão do estilo requer uma compreensão da constituição (social e formal) dos gêneros, estando neles indicadas categorias de análise que são caras à terceira onda variacionista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terceira onda variacionista. Estilo. Gêneros do Discurso.

**ABSTRACT:** In different ways, variationist studies have resorted to Bakhtin Circle's Writings, particularly the notion of discourse genres. This text aims to reflect on why discourse genres are relevant to variationist studies, especially for third wave studies, whose central issue is the notion of style. Through bibliographic research, we examine part of the literature of the third wave of variation (ECKERT, 2012, 2016, 2018; KIESLING, 2013; COUPLAND, 2007) and part of the literature of the Bakhtinian approach (BAKHTIN, 2011, 2014; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013), focusing on the notion of style, to (i) indicate some touch points between these approaches and to (ii) articulate them, in some other points, in order to contribute to the production of knowledge about the objective proposed here. The results of this reflection indicate that discourse genres are relevant to the interests of third wave studies because (i)

---

<sup>1</sup> Este texto foi aprovado para publicação pela Revista Alfa [ISSN Impresso: 0002-5216 ISSN Eletrônico: 1981-5794] em agosto de 2020. Em novembro de 2022, recebemos notificação de reprovação da versão em inglês.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística. Docente da Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Línguas e Letras. Vitória, ES. E-mail: marcelalanga@yahoo.com.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8824-8339>.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, SC. E-mail: edagorski@hotmail.com. Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-0797-1243>.

linguistic style is a property of discourse genres; and (ii) an understanding of style requires an understanding of the constitution (social and formal) of the genres, with categories of analysis that interest to the third variationist wave being indicated in them.

**KEYWORDS:** Third variationist wave. Style. Discourse genres.

**RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS:** A *Sociolinguística Variacionista* é um campo de estudos científicos que, inaugurado formalmente na década de 1960 em contexto estadunidense, volta-se para a relação entre o fenômeno cultural da linguagem e a configuração da sociedade, de diferentes modos, considerando que se organiza em três diferentes fases. Mais recentemente, esse campo tem entrado em direto diálogo com *os Escritos do Círculo de Bakhtin*, produzidos em contexto russo, no século XX. Este texto objetiva tecer diálogos entre a terceira fase variacionista e os Escritos do Círculo, a fim de sinalizar para a relevância dos gêneros do discurso para os interesses centrais dessa fase variacionista, voltada para o exame do estilo sociolinguístico. Trata-se de uma discussão importante porque sinaliza para como o estudo do estilo, conforme ressignificada concepção que recebe nessa última fase variacionista, pode ser potencializado com um acurado exame dos gêneros do discurso.

## Introdução

Há muito que os estudos variacionistas vêm flertando com teorias de gêneros do discurso e/ou com teorias de gêneros textuais, nem sempre fazendo diferença entre uma coisa e outra, com o objetivo de investigar o modo como *diferentes tipos de textos* (e seus aspectos constitutivos) podem condicionar os processos de variação/mudança. Assim, muitos trabalhos, inegavelmente, por diferentes vias, têm mostrado que os gêneros são um importante elemento para a explicação de usos variáveis – ora tomando os gêneros como *variável independente* (TESCH, 2011; VIEIRA, 2014; TAVARES, 2020); ora como *elemento organizador de amostras* (OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008); ora como *instância* para estudo da variação (LOBATO, 2009); ora reduzindo-os à tipologia textual (SILVA, 1997; FONSECA, 2010); ora tomando-os, genericamente, como indicativos de modalidade (gêneros orais e gêneros escritos) (MALVAR; POPLACK, 2008; STROGENSKI, 2010); ora acionando-os para discussões teórico-metodológicas (SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; FREITAG, 2014, TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014; BIAZOLLI, 2016; BRAGANÇA, 2017).

Ademais, parte da literatura associada à *terceira onda variacionista*<sup>4</sup>, fortemente dedicada a um redimensionamento da variação linguística, vem fazendo referência, direta ou

---

<sup>4</sup> Essa literatura, também conhecida como abordagens *Speaker Design*, se organiza, não em torno de uma teoria muito bem delimitada, mas em torno de temas de trabalho que podem demandar ancoragens conceituais diversas, conforme se apresenta na primeira seção deste texto. Daí ser anunciada no plural (*abordagens*).

indiretamente, a uma abordagem específica de análise de gêneros (cf. COUPLAND, 2001; IRVINE, 2001; BAUMAN, 2001, dentre outros), a saber, aos Escritos do Círculo de Bakhtin, sendo, inclusive, esse filósofo russo apontado como “um arauto da sociolinguística moderna” (BELL, 2001, p. 143)<sup>5</sup>. Nos termos de Coupland (2001), é uma orientação para o discurso que tem levado o campo variacionista “a uma reconsideração dos escritos teóricos de Bakhtin /Voloshinov” (COUPLAND, 2001, p. 195)<sup>6</sup>. Nesse contexto, interessado nos estudos de terceira onda (doravante ETO), este texto objetiva responder à seguinte questão: *por que, afinal, os gêneros do discurso são relevantes para os estudos variacionistas, particularmente para os de terceira onda?* Em nossa compreensão, esse tópico ainda não está claramente posto na literatura dos estudos variacionistas e, por isso, tais estudos podem estar apenas *tangenciando* o potencial analítico que os gêneros do discurso facultam.

Para atingir o objetivo acima especificado, (i) indicam-se alguns pontos de contato entre concepções dessa fase variacionista e concepções bakhtinianas e também (ii) efetua-se uma articulação teórico-metodológica entre alguns outros tópicos dessas abordagens, pensando nos interesses de pesquisa da terceira fase variacionista. Em termos organizacionais, na primeira seção, apresentam-se alguns conceitos e pressupostos dos ETO; na segunda, resgata-se a concepção de estilo assumida pelos estudos do Círculo de Bakhtin (doravante ECB); na terceira, indicam-se pontos de contato entre as abordagens, bem como efetua-se a articulação prevista, com o propósito de responder à questão que norteia este texto; por último, tecem-se algumas considerações finais.

### **A terceira onda dos estudos variacionistas**

Nesta seção, apresentamos uma breve visão panorâmica da primeira e da segunda onda variacionista para então abordarmos os principais conceitos que permeiam os estudos de terceira onda, que se caracterizam por uma convergência clara entre alguns pressupostos sociolinguísticos e antropológicos, e uma aproximação mais sutil com noções do campo discursivo.

A Sociolinguística Variacionista tem sua base teórico-metodológica ancorada em três dimensões que funcionam articuladamente: a linguística, a social e a estilística. Ao longo dos estudos variacionistas essas dimensões vêm se reposicionando em termos de centralidade no campo e se resignificando, sustentadas em concepções um tanto distintas de língua, indivíduo

---

<sup>5</sup> “[...] a herald of modern sociolinguistics”.

<sup>6</sup> “[...] has led over the last decade to a reconsideration of Bakhtin/Volosinov’s theoretical writings”.

e sociedade, que ensejam diferentes olhares para a variação. Essa reconfiguração, tomando como eixo o significado social, é sistematizada no que se tem chamado de *as três ondas da sociolinguística variacionista* (ECKERT, 2012, 2016, 2018), entendidas como fases que, embora não sejam excludentes nem categoricamente lineares, seguem uma certa cronologia.

Sucintamente, os trabalhos de primeira onda buscam – a partir de análises quantitativas de grande volume de dados coletados em entrevistas sociolinguísticas no âmbito de uma comunidade de fala – estabelecer amplas correlações entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais abstratas (classe, sexo, idade e etnia dos falantes) de modo a identificar padrões sociolinguísticos regulares de uso na comunidade. A língua é vista como um sistema heterogêneo cuja estrutura reflete a estrutura social; e o indivíduo, como passivo, cujo comportamento linguístico é condicionado pelas categoriais macrosociológicas. O significado social corresponde a “traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea” (LABOV, 2008 [1972], p. 313), sendo concebido como relativamente estático e suscetível a receber valoração de prestígio e estigma pelos membros da comunidade. O significado estilístico é atrelado ao domínio cognitivo de graus de atenção à fala, que se refletem em diferentes níveis de formalidade captados nas entrevistas. A variação estilística tem um lugar secundário nos estudos dessa primeira fase, interessando à medida que se correlacione com a variação social para o estabelecimento de padrões de regularidade estrutural.

Os estudos de segunda onda apresentam um viés etnográfico e operam com categorias demográficas e socioculturais que emergem localmente a partir de configurações sociais; buscam identificar a dinâmica local da variação em práticas sociais de grupos, bem como conectar as categoriais locais mais concretas às macrocategorias sociológicas mais abstratas (ECKERT, 2012). O indivíduo, embora ainda visto como passivo, assume alguns traços de agentividade, tendo seu comportamento linguístico condicionado pela interação de categorias sociais mais amplas com categorias locais. O estilo é considerado como ato de afiliação a determinado grupo (ECKERT, 2005), e o uso de traços vernaculares, como expressão de identidade local, recebendo valoração positiva no grupo. Há, assim, uma relação mais direta entre língua e identidade.

Nos ETO, como já pontuado, há uma *forte aproximação entre sociolinguistas e antropólogos linguistas* como Eckert, Coupland, Gal, Irvine, Rickford, Podesva, Zhang, entre outros, considerados como “o coração da terceira onda”<sup>7</sup> (ECKERT, 2018, p. 125). Nos estudos dessa fase, acionam-se as seguintes noções, entre outras: *sistema semiótico, sujeito agentivo,*

---

<sup>7</sup> “the heart of the Third Wave”.

*prática estilística, identidade/persona, postura (stance), indexicalidade, distintividade e ideologia* – noções que permeiam a exposição apresentada nesta seção.

No embalo dos ETO – fase identificada por Eckert (2005) como a *perspectiva estilística* –, (i) a língua é concebida como um “sistema semiótico social dinâmico”<sup>8</sup> (ECKERT, 2016, p. 13), no sentido de que, além de estrutura, a *língua é prática social*, não devendo ser vista separada da sociedade; (ii) o falante, visto como sujeito agentivo e criativo, ganha protagonismo no cenário social, constituído por *sistemas ideológicos e culturais* que se entrecruzam<sup>9</sup>; (iii) o *estilo é uma prática*, sendo concebido como movimento estilístico, portanto não é algo fixo (ECKERT, 2005, 2012, 2016); *origina-se no conteúdo* e não na forma de manifestação, uma vez que “o social é eminentemente sobre a vida das pessoas”, de modo que “diferentes maneiras de dizer sinalizam diferentes maneiras de ser” (ECKERT, 2018, p. 146)<sup>10</sup>; (iv) a ideia de sistema semiótico remete à noção de um estilo mais geral que inclui, além da língua, gestos, posturas, vestuário, interesse por certos bens de consumo, certas atividades de lazer, certos tópicos discursivos, entre outros elementos, que funcionam nas práticas estilísticas como *padrões de estilo coocorrentes* indexicalizando significados sociais; (v) é nas *práticas estilísticas*, que são *mediadas pela ideologia*, que os falantes constroem e projetam *personas/identidades* (ECKERT, 2008, 2018); (vi) a *variação linguística* – assumida como *variação estilística* – não reflete significado social, mas (re)constrói significado social, sendo considerada como “parte de um sistema social semiótico capaz de expressar toda a extensão dos interesses sociais de uma comunidade”<sup>11</sup> (ECKERT, 2012, p. 94); (vii) os significados sociais das variáveis, acompanhando a dinâmica dos interesses sociais, são *constantemente reinterpretados nas práticas estilísticas*, quando, num processo de bricolagem, “um agente estilístico se apropria de recursos de um cenário sociolinguístico amplo e recombina-os para criar um estilo distintivo”<sup>12</sup> (ECKERT, 2018, p. 118), de modo que o componente de identificação individual do novo estilo tem sua origem num cenário de significados mais amplo.

Reforçando e ampliando os pontos acima elencados, podemos dizer que a *variação estilística – motivada especialmente pelo ponto de vista do falante sobre seu lugar no mundo e sobre sua relação com outras pessoas* (SCHILLING, 2013), isto é, pelo “senso de lugar no

<sup>8</sup> “Once we view language as a dynamic social semiotic system, stability becomes a problematic concept.”

<sup>9</sup> Por esse motivo, acionamos, neste texto, o termo *cultura* e seus derivados, compreendendo que, em sua acepção, questões ideológicas estão sempre implicadas.

<sup>10</sup> “the social is eminently about the content of people’s lives. Different ways of saying things are intended to signal different ways of being.”

<sup>11</sup> “Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community’s social concerns.”

<sup>12</sup> “a stylistic agent appropriates resources from a broad sociolinguistic landscape, recombining them to make a distinctive style”.

mundo social” (ECKERT, 2005, p. 17)<sup>13</sup> – é usada tanto para reinterpretar significados sociais como para (re)construir e projetar as identidades/personas (tipos sociais) dos falantes, *seja enquanto indivíduos seja enquanto membros de grupos sociais* (COUPLAND, 2007; KIESLING, 2013).

A (re)construção de identidades “representa uma negociação dos significados intersubjetivos de práticas sociais [...] *identidade é como os indivíduos se definem, se criam ou pensam sobre si mesmos em termos de suas relações com outros indivíduos e grupos* (reais ou imaginados)”<sup>14</sup> (KIESLING, 2013, p. 449-450; grifo no original). Tal definição, além de *deslocar o foco de indivíduos estáticos para o processo de como os falantes usam a língua para criar relações*, também capta a *natureza individual e social da identidade*. As identidades, segundo o autor, são conectadas em três dimensões contextualmente dependentes que funcionam como multicamadas que se interligam através da variação: grandes grupos de censos (classe socioeconômica, sexo/gênero, idade, e raça/etnia) e lugar/região; papéis institucionais e profissionais (mãe, professor etc.); e *posturas* na interação (ser amigável, autoritário, fraco etc.). Essas dimensões da identidade se articulam por meio de alinhamentos semióticos de natureza ideológica, de modo que “variáveis sociolinguísticas são indexicalizadas não somente à identidade, mas também a ideologias e estereótipos em torno daquela identidade numa ideologia semiótica mais ampla”<sup>15</sup> (KIESLING, 2013, p. 463). É desse quadro conceitual que se pode depreender que, no âmbito dos ETO, a noção de discurso – conteúdo ideológico que orienta a vida das pessoas ou posições/posturas ideológicas que se assume/evoca interacionalmente – está presente e é central, embora nem sempre o termo seja evocado explicitamente.

Especificamente, as variáveis linguísticas constituem estilos que são vistos como signos indexicais e *é no nível do estilo que a variação se conecta significativamente com o social*, tornando-se verdadeiramente indexical, o que reforça a crença de que *linguagem e sociedade não devem ser vistas como separadas* (ECKERT, 2016). *As variáveis indexicalizam identidades/ personas, características/posturas e ideologias*, sem, no entanto, se descolarem das categorias macrosociológicas. É mediante movimentos semióticos feitos nas práticas

<sup>13</sup> “[...] sense of place in the social world”

<sup>14</sup> “[...] represents a negotiation of the intersubjective meanings of social practices [...] *identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationships with other individuals and groups*, whether these others are real or imagined.”

<sup>15</sup> “sociolinguistic variables get indexed not just to the identity but also to the ideologies and stereotypes surrounding that identity in a larger semiotic ideology.”

estilísticas que as variáveis são (re)combinadas e (re)interpretadas, de modo que “a propriedade central de uma variável deve ser a mutabilidade indexical”<sup>16</sup> (ECKERT, 2012, p. 94).

Tal mutabilidade é explicada de acordo com a noção antropológica de ordem indexical (SILVERSTEIN, 2003): em algum momento, um dado grupo social se destaca e um traço de sua fala, por exemplo, se distingue e chama a atenção, podendo vir a indexicalizar pertencimento àquele grupo. Nesse caso, *o traço pode ser evocado para sinalizar posturas ideológicas*, estereótipos associados ao grupo etc. Eckert (2018) pontua que a ocorrência desse traço em um novo estilo altera não só o significado original do traço, mas também o cenário semiótico. Ato repetidos de indexicalização acabam convencionalizando o novo signo, que fica disponível para outros movimentos indexicais e assim sucessivamente. A ordem indexical não é linear, podendo se dar simultaneamente em múltiplas direções, estabelecendo um “campo indexical”, definido como “uma constelação de significados ideologicamente relacionados”<sup>17</sup> (ECKERT 2008, p. 453). Nesse sentido, uma variável linguística não tem um significado estático, mas um significado geral que é *especificado em cada contexto de ocorrência*, por isso uma única variável pode ter um número de significados potenciais em vários níveis, que são ativados no uso, sendo capazes de provocar rearranjos no campo por meio de novas conexões ideológicas. Assim entendida, “*a variação constitui um sistema indexical que encaixa a ideologia na língua e que, por sua vez, é parte integrante da construção da ideologia*”<sup>18</sup> (ECKERT 2008, p. 453; grifos nossos).

Segundo Irvine (2001, p. 23-24), “estilos de fala envolvem os modos pelos quais os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos em um sistema de distinções e possibilidades”.<sup>19</sup> A percepção das distinções se dá através da *lente da ideologia que vincula o linguístico e o social*, entrando em jogo nesse processo as experiências prévias dos sujeitos (ECKERT, 2018). Como já mencionado, o significado de uma variável linguística só se torna especificado no contexto de práticas estilísticas, associada a padrões de estilo coocorrentes, e é o conjunto de recursos estilísticos coocorrentes que cria o que Irvine (2001) denomina “distintividade social”, sinalizando contrastes entre estilos (ECKERT, 2016). Irvine, no entanto, *relacionando a noção de estilo à de estética*, associa a estética estilística “não só à distintividade, mas também à *consistência dos traços linguísticos*

---

<sup>16</sup> “[...] their central property must be indexical mutability”

<sup>17</sup> “indexical field [...] a constellation of ideologically related meanings”

<sup>18</sup> “Thus variation constitutes an indexical system that embeds ideology in language and that is in turn part and parcel of the construction of ideology.”

<sup>19</sup> “styles in speaking involve the ways speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities.”

*que constituem um estilo*”<sup>20</sup> (IRVINE, 2001, p. 22; grifos nossos), embora admita que os sistemas estéticos também sejam culturalmente variáveis.

Em convergência com essas premissas dos ETO, Coupland (2007) sugere que a abordagem variacionista deve se engajar em um quadro teórico discursivo, a fim de explicar a qualidade da interação social. Segundo o autor, “a maioria das situações sociais terá uma *arquitetura social pré-existente e uma estrutura de gênero dentro da qual os significados sociais podem ser negociados*” (COUPLAND, 2007, p. 41; grifos nossos), de modo que, *numa análise estilística, o analista deve entender o funcionamento desses contextos sociais*. A título de exemplificação dessa proposta, Bauman (2001) investiga a relação entre formas, funções e variação com base no exame de gêneros do discurso típicos de um mercado público mexicano, e preconiza que *os gêneros do discurso são o quadro para a compreensão da prática estilística*.

A partir de uma abordagem de terceira onda, considera-se que: (i) o “estilo é um fenômeno multidimensional complexo que não pode ser modelado em uma única teoria unidimensional”<sup>21</sup> (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2019, p. 12); (ii) encontrar correlações estatísticas é somente o primeiro passo para estabelecer padrões sociolinguísticos e entender o seu funcionamento; *o passo seguinte é “olhar de perto para o pano de fundo histórico e cultural de identidades e de ideologias semióticas mais gerais nas quais aquelas estão envolvidas” e, além disso, “olhar atentamente para o uso de variantes nas interações que se baseiam em e se acomodam nesses padrões mais amplos*”<sup>22</sup> (KIESLING, 2013, p. 465; grifos nossos); (iii) a contínua modificação e emergência de novas identidades/personas têm reflexos na variação linguística, e a variação, além de refletir o mundo social, também desempenha um papel central na contínua mudança do mundo, mediante a construção de tipos sociais (ECKERT, 2016); (iv) a terceira onda, “que começa com a simples questão de o que as variáveis significam, ao final *coloca questões fundamentais sobre a natureza da linguagem*” (ECKERT, 2016, p. 14; grifos nossos)<sup>23</sup>.

Exposto, em termos gerais, o mosaico conceitual que sustenta os ETO, comentamos brevemente, a seguir, dois trabalhos ilustrativos desse tipo de abordagem.

---

<sup>20</sup> “I interpret stylistic aesthetics as concerning (among other things) not only distinctiveness, but also the *consistency* of the linguistic features constituting a style.”

<sup>21</sup> “style is a complex multidimensional phenomenon that cannot be modelled in a single unidimensional theory”

<sup>22</sup> “to look closely at the historical and cultural backdrop of identities and the more general semiotic ideologies in which they are involved, and to look intently at the moment-to-moment use of variants in interactions that both draw from and accrete into these larger patterns.”

<sup>23</sup> The Third Wave [...] which began with the simple question of what variables mean, in the end raises fundamental questions about the nature of language.

A clássica pesquisa de Labov, de 1963, sobre a mudança sonora na posição fonética da vogal nos ditongos /ay/ e /aw/ em Marthas' Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), pode ser situada no entremeio da segunda e da terceira onda, como precursora da terceira fase. O estudo mostrou que a realização centralizada da vogal, especialmente pelo grupo de pescadores locais, indexalizava status nativo ilhéu, ou seja, “ser vineyardense” (identidade regional associada a local de moradia e a grupo social) – o que o aproxima da segunda onda; além disso, indexalizava também um dado posicionamento dos moradores num conflito ideológico local que opunha a ilha ao continente (aos “de fora”, vistos de certa maneira como invasores), ou seja, “ser um tipo particular de vineyardense” (postura ideológica) – o que o aproxima da terceira onda<sup>24</sup>.

Zhang (2005) examinou a realização de quatro variáveis fonológicas socialmente reconhecidas, na fala de dois grupos de profissionais de Pequim: o de empresas estatais e o de empresas estrangeiras (os *yuppies*). Entre os principais resultados constatou que os profissionais estatais não usavam a variante que denota modernidade (o tom cheio), ao passo que os *yuppies*, particularmente as mulheres, usavam menos as variantes locais e mais a variante cosmopolita. Uma primeira análise sugeria que o tom cheio seria uma marca de grupo *yuppie* em Pequim. Numa análise mais aprofundada, porém, a autora correlacionou a emergência desse chinês híbrido ao processo de *mudança socioeconômica e cultural na China* marcado por uma política de abertura ao mercado global e consequente participação na comunidade transnacional capitalista. Isso propiciou o surgimento de uma geração moderna de profissionais chineses, associada a capitais simbólicos distintos, viabilizando a construção de uma identidade cosmopolita, um *novo tipo de persona* cujo *estilo de vida* indexaliza um profissional competente no setor transnacional. O uso da variante cosmopolita (tom cheio) passa a integrar um conjunto de práticas cotidianas que compõem o estilo dos *yuppies*, em que os traços linguísticos coocorrem com outros que caracterizam suas posturas, maneiras de agir, de comprar, de comer etc. Assim, a autora buscou no *contraste estilístico* entre os dois grupos de profissionais a explicação para os diferentes usos linguísticos e concluiu que, através da prática estilística, os *yuppies* construíram não somente a si mesmos como cosmopolitas, mas, distintivamente, os gerentes estatais como locais. E fazendo isso, eles mudaram a paisagem social e linguística de Pequim.

---

<sup>24</sup> Esse trabalho de Labov mostra não só que as ondas variacionistas não são cronologicamente ordenadas, mas também que autor, tido como o maior representante da sociolinguística variacionista de primeira onda, estava atento a questões ideológicas e identitárias no início de sua trajetória de pesquisa.

## A questão do estilo numa perspectiva bakhtiniana

O objetivo desta seção é retomar alguns aspectos teórico-metodológicos constitutivos dos ECB, para lançar luz sobre a noção de *estilo* praticada neles. Embora estilo seja definido como a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 261), assume-se que a visão bakhtiniana sobre esse recurso envolve muito mais elementos do que, exclusivamente, os recursos linguísticos.

Por questões de espaço, vamos nos ater a alguns aspectos que constituiriam uma *estética filosófica geral* para o estudo de objetos estéticos, uma vez que, em nossa compreensão, é por essa via que essa perspectiva de análise de gêneros entra em direto diálogo com os interesses de pesquisa dos ETO, especialmente porque *um dos problemas mais importantes da estética é a correta colocação do problema do estilo* (BAKHTIN, 2014 [1924]). Ao falar sobre esse tópico, contemplam-se também (i) a concepção de língua da abordagem bakhtiniana; (ii) a noção de enunciado/enunciação<sup>25</sup> e de gêneros do discurso; e (iii) especificamente, a concepção de estilo da abordagem.

O ponto de vista filosófico dos ECB, fortemente dedicado à reflexão da atividade estética, promoveu inúmeras contribuições para o campo da linguagem, ao também tomá-la como uma atividade estética. Dentre elas, e a que mais diretamente nos interessa, está a compreensão de que a forma de um objeto estético (OE) não pode ser definida pela forma do material pelo qual se constitui, pois não é a ele (ao material) que está dirigida a atividade estética; antes, a forma criada é uma forma significativa do/para o homem<sup>26</sup> e do/para seu corpo; *é a capacidade do homem de exprimir uma relação axiológica<sup>27</sup>, emocional e volitiva, para algo além do material.*

Sendo o momento axiológico determinante da forma do material, a forma de um OE é a forma da *intenção da criação* – a relação do esteta com um mármore ou com elementos linguísticos, por exemplo, é secundária, pois não é a eles que a atividade se dirige. A fim de ilustrar como o homem, com sua orientação axiológica/ideológica, se inscreve nos objetos estéticos, recupere-se o seguinte entendimento bakhtiniano:

---

<sup>25</sup> *Enunciado e enunciação* são termos alternativos, nos textos bakhtinianos, para designar a unidade concreta e real da comunicação.

<sup>26</sup> A rejeição dos textos bakhtinianos a concepções empiristas faz ver que “homem”, nessas considerações, “não pode ser definido como pessoa” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.191), mas como *ponto de vista* que se assume.

<sup>27</sup> Usam-se, neste texto, os termos *axiologia* e *ideologia* alternadamente, para fazer referência a um universo de valores sociais que constituem os sujeitos – cf. Faraco (2009) e Acosta-Pereira e Rodrigues (2014).

*a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se então um elemento indispensável. [...] a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja* (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 33; grifos do autor).

A análise de um OE, portanto, fora do campo das intenções, torna-o, por conseguinte, um objeto isolado e extracultural, e é justamente contra isso que os ECB se insurgem, uma vez que seus autores não podiam concordar com a ideia de que nem o mais específico da arte, o estético-formal, exclui necessariamente o social, o histórico, o cultural (FARACO, 2011). Por essa via, os russos convocaram justamente uma base histórico-cultural a partir da qual a própria linguagem é repensada, e recolocada na “grande estrada da cultura humana una” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 17).

A partir dessas reflexões, a linguagem, em seu uso efetivo, passa, então, a ser vista, pelos ECB, como um OE, sob a forma de *enunciação*: (i) a real e concreta unidade da comunicação; (ii) produto da interação entre sujeitos socioculturalmente organizados – por isso, um produto cultural – e que, estando impregnada de valores<sup>28</sup>, (iii) só pode ser compreendida na unidade sistemática da cultura, ou seja, em correlação com o mundo em que se realiza.

Como tal, a enunciação não pode ser compreendida ou definida por sua estrutura linguística (material), porque (lembre-se:) a forma é, na verdade, a forma de um conteúdo, ao que os ECB denominam *discurso*: um projeto ou vontade/intenção de dizer, ou seja, uma *posição assumida pelo sujeito* ao tomar a palavra<sup>29</sup>, aspecto que aponta para o fato de que o elemento que organiza toda a comunicação é a orientação axiológica/ideológica dos sujeitos<sup>30</sup> (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], uma vez que falar sobre qualquer objeto de enunciação implica assumir uma atitude avaliativa, uma atitude de não indiferença em relação:

- (i) *ao objeto do enunciado*, porque a própria atitude de não indiferença já resulta do fato de os objetos de enunciação se relacionarem, de algum modo, com as condições de existência de um grupo social, tendo, por isso, adquirido alguma relevância, porque “só vemos e compreendemos aquilo que, de uma maneira ou outra, toca-nos, interessa-nos” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 191);
- (ii) *a outros enunciados*, porque toda enunciação só ocorre em resposta a outras enunciações<sup>31</sup>, uma vez que “a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com o pensamento do outro”

<sup>28</sup> Nenhum ato cultural é indiferente a valores (BAKHTIN, 2014 [1924]).

<sup>29</sup> Esta é a relação entre discurso e enunciado: como “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes [ele] sempre está fundido em forma de enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 274).

<sup>30</sup> Rodrigues (2001) denomina essa orientação de *horizonte axiológico*.

<sup>31</sup> Este é o princípio do dialogismo, dos ECB.

(BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 298); por isso, a noção bakhtiniana de que todo falante é um *respondente ativo*, uma vez que “não é o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 272) e de que todo enunciado é “uma resposta a alguma coisa e [...] construída como tal” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929], p. 101);

- (iii) *aos interlocutores*, porque, para a construção da enunciação enquanto resposta a outros enunciados (ditos ou previstos), os sujeitos avaliam a própria relação (sócio-hierárquica) que mantêm com o auditório – com, na verdade, a imagem (valorativa) que mantêm do auditório. Segundo Volochínov (2013 [1930], p. 168), “[e]ssa orientação a um outro [...] pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação *sócio-hierárquica* entre ambos os interlocutores [...] [porque] a forma da enunciação muda segundo a posição social do falante e do ouvinte, e segundo toda a situação social em que tal enunciação se realiza” (Grifos do autor).

Os sujeitos, então, centrados no objeto a que se reportam, na enunciação, a partir dos sentidos que desejam construir, delimitam tanto o aspecto semântico da enunciação, quanto o seu *acabamento estilístico-composicional*, de maneira que a “unidade da forma [da enunciação] é a unidade da posição axiológica ativa” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 67) do sujeito.

Note que essa compreensão culmina por *recolocar também a questão da relação entre o linguístico e a exterioridade*: a situação social que engendra uma enunciação não pode ser vista como um “contorno” a que se pode ou não fazer referência, mas como constitutiva da enunciação, uma vez que, tal como *a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior*, o uso efetivo da língua se constitui “de duas partes: uma verbal e outra não verbal” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925], p. 171), que “penetram o enunciado também por dentro” (BAKHTIN, 2011 [1959-61], p. 313). Daí a máxima bakhtiniana de que *a língua em seu uso efetivo indicia as condições específicas* (pragmáticas e histórico-culturais)<sup>32</sup> e as finalidades de cada campo cultural a que se vincula, mantendo “conexão mais próxima possível com esta situação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 77).

Como cada domínio cultural significa e *representa* a experiência de uma dada maneira, “organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, [ou seja] sua *estrutura tipo*” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925]), p. 159; grifos do autor). Eis o que são os gêneros do discurso: as “*formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo* [do enunciado]” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282), próprias de domínios culturais específicos ou “um tipo específico de atividade [...] que incorpora uma percepção específica da experiência” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 299). Isso aponta para duas questões.

---

<sup>32</sup> O enunciado “nasce de uma situação pragmática e mantém conexão mais próxima possível com esta situação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 77; grifos nossos) e também reflete “todas as causas e condições gerais mais remotas daquele intercâmbio comunicativo verbal específico” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925], p.171).

A primeira delas é que *a construção da enunciação não é feita livremente* nem é criada pelos sujeitos (mas dada a eles), porque se orienta por “procedimentos de enformação<sup>33</sup> e acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 186) que são oferecidos historicamente a eles (tal como o sistema da língua). Toda *intenção enunciativa deve ser, portanto, adaptada a uma forma de gênero*, uma vez que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282). Em outros termos,

[n]ós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso [...] (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 283).

A segunda é que como *os gêneros do discurso evocam os mesmos elementos constitutivos da enunciação*, só podem ser vistos como flexíveis, livres e plásticos (BAKHTIN, 2011 [1952-53]), considerando que “a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 200).

Os gêneros, assim, *comportam regularidades e singularidades, usos sociais e históricos, que servem de baliza para o dizer social, mas também usos evênticos<sup>34</sup>, novidades, devido tanto a particularidades de cada uma das interações sociais, quanto à agentividade dos sujeitos*, ao assumirem uma posição, quando tomam a palavra; e, desse modo, a noção de que os gêneros são formas típicas e normativas não contradiz a noção de que toda enunciação é singular, única e irrepitível, uma vez que a relativa estabilidade dos gêneros é conquistada (e não dada abstratamente) a cada uso particular.

Considerando que os gêneros se organizam e se regularizam relativamente em torno de três dimensões, quais sejam, *o conteúdo temático, o estilo verbal e a composição<sup>35</sup>*, há que se ter em mente a relação que os ECB estabelecem entre *o todo da enunciação (as formas arquitetônicas)* e *as partes que lhe constituem (as formas composicionais)*, porque isso não se pode confundir: as primeiras são “as formas dos valores morais e físicos do homem estético [...]”; as formas da existência estética na sua singularidade” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 25); e

<sup>33</sup> A noção de *enformação* (e de acabamento) da enunciação refere-se ao fato de ela ter certos limites e de haver formas típicas de estruturação do enunciado (os gêneros do discurso), que possibilitam a reação-resposta do interlocutor.

<sup>34</sup> A noção de *eventicidade*, nos textos bakhtinianos, pretende resgatar a noção de existência em evento, daí a recorrência de expressões, nessa literatura, como “ser-evento”, “ser-come-evento” ou “evento-em-devir-do-ser”.

<sup>35</sup> Sobre conteúdo temático e composição, não tratamos neste texto.

as segundas, a “entidade teleológica composicional, onde cada momento e todo o conjunto estão voltados para um fim, realizam algo, servem a algo” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 24), podendo apenas essas últimas, por exemplo, serem analisadas a partir de uma perspectiva puramente técnica (linguística, por exemplo).

Uma correta compreensão desses aspectos, portanto, faz ver, segundo Bakhtin, que *são as formas arquitetônicas que determinam a escolha da forma composicional, realizando-se aquelas por essas*<sup>36</sup>, de modo que

[d]eve-se ter em vista que cada forma arquitetônica é realizada por meio de métodos composicionais definidos; por outro lado, às formas composicionais mais importantes, às de gênero, por exemplo, correspondem, no objeto realizado, [a] formas arquitetônicas essenciais (BAKHTIN, 2014 [1924] p. 24).

Aqui temos uma consideração bakhtiniana muito importante para os fins deste texto: “[a] correta colocação do *problema do estilo*, um dos problemas mais importantes da estética, é impossível sem uma rigorosa distinção entre formas arquitetônicas e composicionais” (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 26), do que se depreende que os recursos linguísticos, enquanto recurso “material”, não podem ser analisados fora da função que exercem na enunciação, qual seja, a de ser aparato técnico para a realização de um discurso; nesse sentido, o estilo é um recurso da composição da enunciação e, como tal, só pode ser compreendido adequadamente se não se perde de vista a inteireza da enunciação, que aponta sempre para um posicionamento.

Vendo assim a questão, ainda que um analista se debruçasse sobre os aspectos atinentes ao estilo e à composição dos gêneros, tidos como “procedimentos de enformação e acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 186) dos objetos de discurso, já não teria uma análise reduzida a aspectos exclusivamente linguísticos, porque estilo, nos ECB, ultrapassa esse nível, uma vez que ele é, em primeiro lugar “*visão de mundo* e só depois é o estilo da elaboração do material” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 187). Brait (2010, p. 87) afirma que isso significa que estilo “*não trabalha com palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida [...]*” (grifos da autora), sendo, pois, “unidade de procedimento de enformação e acabamento” do próprio homem e de seu mundo.

Além disso, embora os ECB reconheçam, por um lado, que pode haver estilo individual – em decorrência da própria finalidade dos gêneros (como os da esfera literária), embora, na “imensa maioria dos gêneros discursivos, o estilo individual não faz parte do plano do enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 265-266) – também destacam, por outro lado, que

---

<sup>36</sup> Os ECB advertem que não se pode pensar, contudo, que a forma arquitetônica exista em algum lugar (abstrato?) fora da estrutura composicional.

“*o estilo são pelo menos dois homens*, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 97; grifos nossos).

De todo modo, o destaque aqui é para o fato de que o estilo é visto como um elemento do próprio gênero, porque está inscrito nos usos historicamente situados (BRAIT, 2010), de maneira que “[o] *estudo dos estilos só pode ser feito em relação direta com o estudo dos gêneros*” (AMORIM, 2004, p. 111; grifos nossos), já que “*onde há estilo, há gênero*” (BAKHTIN, 2011 [1952-53]. p. 268; grifos nossos). E isso ocorre, porque, nos termos de Bakhtin (2011 [1952-53], p. 291; grifos nossos),

“[q]uando escolhemos as palavras, *partimos do conjunto projetado do enunciado*”, de maneira que é o próprio gênero, enquanto unidade relativamente estável de realização de uma enunciação, que autoriza certos usos linguísticos (e não outros) para representar uma dada realidade. Com isso, é possível compreender porque os elementos da língua “adquirem o perfume específico dos gêneros dados: eles se adéquam aos pontos de vista específicos, às atitudes, às formas de pensamento, às nuances e às entonações [dos] gêneros” (BAKHTIN, 2014 [1934-1935], p. 96).

Bragança (2017, p. 445-447), sistematizando aspectos que caracterizam a configuração estilístico-composicional de uma enunciação, segundo os ECB, aponta para os seguintes aspectos:

- (i) *as esferas sociais e suas condições típicas de enunciação*, porque são elas que orientam, por meio de suas finalidades sócio-ideológicas, as condições do intercâmbio comunicativo e o modo de orientação para a realidade [...]. Nesse sentido, Bakhtin considera que “[a] análise estilística, que abrange todos os aspectos do estilo, só é possível como análise de um enunciado *pleno* e só naquela cadeia da comunicação discursiva da qual esse enunciado é um *elo inseparável*” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 306);
- (ii) *o aspecto temático típico de cada gênero*, porque o “estilo é indissolúvel de determinadas unidades temáticas” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 266);
- (iii) *o auditório típico de cada gênero*, porque os diferentes tipos de relação entre os locutores implicados nos gêneros (falante/autor – ouvinte/leitor) também determinam a estrutura da enunciação. Assim, “sem levar em conta a relação do falante com o outro e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 304);
- (iv) *os enunciados (sobre o mesmo objeto de discurso ou não)* com quais se entra em relação dialógica, porque “o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 298);

- (v) *o aspecto expressivo de cada gênero, pressupondo uma atitude valorativa do indivíduo quanto (a) ao objeto de discurso, (b) ao auditório, (c) aos enunciados precedentes sobre o mesmo objeto, (d) às respostas que projeta receber dos destinatários.*

Dada a própria concepção discursiva da abordagem, os ECB praticam, portanto, uma *estilística discursiva*, com foco na “*eficácia representacional e expressiva*” (BAKHTIN, 2013 [1940-1960] p. 25; grifos nossos) dos recursos linguísticos, de maneira que estilística e gramática se fundem, uma vez que “[é] metodologicamente improdutivo e, de fato, impossível traçar uma clara linha de demarcação entre gramática e estilística [...] limite [...] incerto e instável na própria vida da língua” (BAKHTIN, 2011 [1929], p. 86).

Por tudo o que foi dito, a questão do estilo pode ser assim posta, resumidamente, nos ECB: “[o] falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 296).

### **ETO e ECB: juntando as pontas**

Considerando as discussões anteriores, nesta seção vamos indicar alguns pontos convergentes entre os ETO e os ECB e propor uma articulação entre alguns outros para, ao final, oferecer uma resposta à pergunta que motiva este texto. Ressalte-se que, para as proposições desta seção, está em questão *uma perspectiva* sobre as abordagens mencionadas, tratando-se, portanto, da compreensão que, neste texto, estamos tendo delas. O fio condutor das reflexões aqui é o seguinte: por um lado, os ETO são caracterizados como uma perspectiva estilística, o que deixa ver que a questão do estilo é central para essa fase variacionista; por outro lado, os ECB, com os quais os ETO entram em diálogo, ora implícita, ora explicitamente, asseguram que o estilo é dos gêneros do discurso; se, em alguma medida, há aproximações epistemológicas entre os ETO e os ECB, como se pretende apontar a seguir, então podemos inferir que os gêneros do discurso são também centrais para os ETO, porque são, conforme Bauman (2001), o quadro para a compreensão da prática estilística.

Nesse sentido, cabe destacar que parece ser a guinada antropológica dos ETO, sinalizada tanto pelos autores considerados “o coração” dessa fase, quanto por suas preocupações teóricas mais proeminentes (teoria e estilo social) (ECKERT, 2018), a via para o diálogo com os ECB, já que alguns ETO passaram a também considerar, para a análise sociolinguística, a variação

no seu “ecossistema de significados discursivos” (COUPLAND, 2007, p. 9)<sup>37</sup>. São considerações dessa natureza – ao admitir que a investigação variacionista também precisa se voltar para o discurso (*/posição ideológica*), ora mais, ora menos, acionando ou não, explicitamente, esse termo – que trazem uma série de consequências para a compreensão da própria natureza da linguagem (ECKERT, 2016) e, por conseguinte, permitem o diálogo com os ECB.

Alguns pontos de contato mais evidentes entre as abordagens parecem ser, por exemplo: (i) a visão de que *língua é um fenômeno*: (a) *distintivo*, porque só se constitui no âmbito de um quadro de referência social, no qual diferentes usos estão em relação, uma relação que é de valor, ou seja, é ideológica, e se correlaciona com outros aspectos do comportamento social; e (b) *estético*, porque é culturalmente variável, organizado em torno de princípios que são localmente relevantes que motivam certa consistência, na medida em que participa da própria compreensão dos falantes acerca do mundo social, e essa só pode ser relativa, uma vez que é sempre feita a partir de uma determinada posição social e de um determinado ponto de vista; por isso, a língua sempre evocaria o posicionamento dos sujeitos, frente a um quadro social, sendo, então, um trabalho de *representação*, culturalmente situada, da realidade; (ii) a *perspectiva de sujeito agentivo*, porque, dentro de um sistema de possibilidades distintas, os sujeitos precisam assumir/negociar suas posições; (iii) a *não separação entre o linguístico e sua exterioridade*, uma vez que a dimensão social da interação é vista como não só motivadora, mas também constitutiva dos usos linguísticos.

Esses pontos compartilhados já trazem importantes mudanças para o estudo de fenômenos em variação. A *primeira* delas deriva da compreensão de que os recursos linguísticos estão a serviço de um discurso/posicionamento e, por isso, são agenciados de uma dada maneira, e não de outra. Mudando o discurso, o agenciamento muda também, e toda a relação forma/função/significado social, tão cara aos estudos variacionistas, pode ser redesenhada. Em outras palavras, *a força motriz para a variação estilística seria o discurso*, que sempre se constitui em relação a outro. Por isso, a prática de análises contrastivas é tão produtiva para os ETO<sup>38</sup>: (i) os *jocks* e os *burnouts* (ECKERT, 2000)<sup>39</sup>; (ii) os profissionais de empresas estrangeiras e os profissionais de empresas estatais (ZHANG, 2005); (iii) as diferentes castas

---

<sup>37</sup> “[...] ecosystem of discursive meaning”.

<sup>38</sup> Vale a pena destacar, nesse ponto, que análises contrastivas também são praticadas no âmbito da primeira e da segunda onda sociolinguísticas, embora sejam facultativas ao analista. No âmbito dos ETO, contudo, esse tipo de análise parece ser uma exigência epistemológica.

<sup>39</sup> Embora Eckert (2018) situe o estudo sobre os *jocks* e os *burnouts* no escopo da segunda onda variacionista, há elementos que o aproximam dos ETO.

entre os falantes de Wolof (IRVINE, 2001); (iv) os gêneros do discurso “call” e “spiel” (BAUMAN, 2001).

Assim, o conjunto projetado de um posicionamento trata de agenciar criativamente itens *potencialmente coocorrentes*, cenário em que eles ganham especificidade. Nos termos de Coupland (2001; 2007), esse é o cenário que “sutilmente [ativa] múltiplas dimensões simultâneas do significado potencial”<sup>40</sup> dos recursos linguísticos. Daí a importância de os ETO se voltarem, por exemplo, para a língua enquanto sistema semiótico dinâmico: das mesmas formas linguísticas, por exemplo, pode-se depreender diferentes índices de valor que organizam a paisagem sociolinguística.

A *segunda mudança* se refere aos elementos que merecem ser considerados para explicação da variação, independentemente do fenômeno: sendo um aspecto da dimensão social (qual seja, a postura que se assume ao se tomar a palavra) o elemento organizador dos usos linguísticos, estando ainda esses em conexão (mais próxima possível) com os elementos constitutivos da situação social que os enseja, a dimensão social se converte em fator de análise *em primeiro plano*, deixando, portanto, de serem *alternativos* a análises prioritariamente linguísticas, mesmo quando essas últimas são tomadas em sentido amplo. Implícita a essa questão parece estar a visão de que a compreensão da paisagem sociolinguística, nos ETO, demanda *engajamento em teorias sociais*: e, por isso, a “sociolinguística está cada vez mais bem posicionada para se envolver com debates ideológicos da teoria social” (COUPLAND, 2007, p. 86).<sup>41</sup>

A partir, portanto, de como se compreende língua, nos ETO, parece haver também reconfiguração no *design* metodológico da abordagem variacionista – em consonância com o que Kiesling (2013) chama de “passo seguinte” para entender o funcionamento de padrões sociolinguísticos, para além de correlações estatísticas: investigação do pano de fundo histórico, cultural e pragmático dos usos linguísticos. Para Coupland (2007), esse tipo de análise, mais de natureza interpretativa, considerando que a *prática social é confusa, complexa e contingente*, é a força e a fraqueza dos estudos variacionistas, mas um caminho sem volta para eles, uma vez que, ao se lançar à interação social, terá de lidar com esse nível de complexidade.

É para desenvolver análises sob essa ótica, com foco na qualidade da interação social, que os ETO parecem se beneficiar de um diálogo com um quadro teórico discursivo, como o dos ECB, e aqui entra nossa proposta de articulação, baseada em apenas dois pontos, neste texto.

---

<sup>40</sup> “[...] ways of subtly activating multiple simultaneous dimensions of meaning potential”.

<sup>41</sup> “[...] sociolinguistics is increasingly well positioned to engage with ideological debates in social theory

O primeiro ponto é que, se as duas abordagens se voltam para explicações de natureza histórico-cultural, o foco tende a ser não exatamente sobre aspectos empíricos (como o tempo, o lugar, a idade, o sujeito etc.) constitutivos, inegavelmente, dos sujeitos e das situações de interação, mas sobre os *efeitos da percepção dos sujeitos sobre esses aspectos* (para os processos de produção, de recepção e de circulação dos usos linguísticos). Assim, parece que, embora nem sempre fazendo referência ao termo *discurso*, como mencionado anteriormente, o que está em questão nos ETO, tanto quanto nos ECB, são *categorias discursivas*.

Uma dessas categorias que podemos mencionar é a de *sujeito/falante* não mais vista como empírica, mas como *persona*, uma posição que se assume/projeta na interação, a depender do *senso de lugar no mundo* (e não exatamente do lugar físico em que se está). Daí a noção de *identidade* dos ETO: *identidade é como os indivíduos se definem em relação a outros (indivíduos ou grupos)*, considerando as dimensões interligadas apontadas anteriormente (cf. KIESLING, 2013). Isso sinaliza para a compreensão de que não se pode ver identidade como estática ou muito bem delimitada, mas como resultado de negociações *em cada interação*, embora também não se perca de vista que “a despeito do poder construtivo da prática, estrutura social e significados socialmente estruturados [...] não desapareceram”(COUPLAND, 2007, p. 52).<sup>42</sup> Na noção de *persona*, portanto, a natureza social e individual da identidade estão articuladas.

*Sujeito*, então, é uma categoria necessariamente agentiva e, para o que interessa aos ETO, um *agente estilístico*, porque ele é que faz uso de recursos para projetar certas identidades/posturas, criando (ou não) componentes de identificação individual. Se os recursos linguísticos – inclusive os recursos variáveis, tendo como propriedade central a mutabilidade, já que precisam indexicalizar muitas posturas controversas – só ganham especificidades em usos específicos, podemos concluir que *estilo é uma prática*, mais movimento/processo/performance que produto, de maneira que *a prática linguística é, pois, uma prática estilística*.

E, nessa conversa, entram os *gêneros do discurso*, como *segundo ponto de aproximação* das abordagens: se os gêneros são um dos centros de discussão dos textos bakhtinianos, em alguns ETO são, explicitamente, apontados como o quadro para a compreensão da prática estilística (/linguística) (BAUNAM, 2001; COUPLAND, 2001; 2007), porque são, cada um deles, tipos específicos de atividade de interação, de enquadramento, de adaptação de discursos, construídos histórica e culturalmente, e que indiciam todos os aspectos da dimensão social que

---

<sup>42</sup> Notwithstanding the constructive power of practice, social structure and socially structured meanings [...] have not disappeared”.

engendram seu surgimento. Tudo o que se quiser saber sobre uma dada interação (o campo cultural em que ocorre, a intenção da comunicação, os interlocutores previstos e a hierarquia entre eles, a *persona* projetada, o objeto do enunciado, outros discursos com que esse dialoga, a relação de valor que mantém com esses, com os interlocutores etc.), portanto, está indiciado no gênero. Por tudo isso, *uma teoria de gêneros do discurso parece ser basilar para os interesses dos ETO*.

É nesse sentido que estamos tomando como fecundo, para os ETO, o reconhecimento teórico de que o *estilo é do gênero*, isto é, da atividade linguística na qual se inscrevem, concomitantemente: (i) posturas ideológicas, nascidas no âmbito de um quadro cultural de referências ou do diálogo com outras posturas, também indicadas nos gêneros; (ii) outros enunciados<sup>43</sup>; (iii) os interlocutores; (iv) a situação social (pragmática e histórico-cultural) da interação; (v) modos sociais (e mais estáveis) e modos individuais (e mais evênticos) de dizer.

O leitor, a essa altura, poderia indagar se seriam, então, os gêneros uma “camisa de força” para o dizer social e para a ocorrência de fenômenos variáveis. Conforme estamos compreendendo: seguramente, não. Os gêneros devem ser vistos (reitera-se) como uma *baliza* para o dizer social, uma *consistência de traços (também) linguísticos*, nos termos de Irvine (2001), por conta de uma *arquitetura social pré-existente*, segundo Coupland (2007), que, em termos teóricos, faz ver a relação entre regularidades e singularidades da vida social e dos sujeitos, em suas manifestações verbais.

Essa questão parece estar muito bem posta, por exemplo, na seguinte explicação de Bauman (2001). O autor considera que todo gênero é um estilo de discurso orientado para produção e percepção de determinados textos<sup>44</sup>. Mas eles (os gêneros) não gozam de autonomia formal e funcional, porque o ajuste entre um texto específico (particular) e o modelo genérico, *por um lado*, nunca é perfeito, já que os gêneros *não fornecem meios para produção e recepção discursiva de forma acabada*, uma vez que *elementos contingentes* (diferentes conexões com outros discursos, com outros textos, com a interação social em curso, com relações sociais mais amplas, com objetivos estratégicos etc.) participam do processo discursivo, fazendo com que os elementos constitutivos da estrutura genérica sejam “variavelmente mobilizados, abrindo assim, caminho para [sua] reconfiguração” (BAUMAN, 2001, p. 59). *Por outro lado*, alguns aspectos da textualização dos gêneros são mais salientes e, por isso, são mais recorrentemente

---

<sup>43</sup> Cf. em Zilles e Faraco (2002), por exemplo, a relevância do *discurso reportado* para o exame de fenômenos variáveis.

<sup>44</sup> Por texto, o autor entende “[u]m trecho de discurso limitado, formalmente organizado, internamente coeso” (BAUMAN, 2001, p. 58).

mobilizados, o que minimiza a possível distância entre texto e gênero, e maximiza a inteligibilidades dos enunciados. É, pois, na interação que a lacuna entre o emergente e o convencional, dos gêneros, pode ser preenchida. E é, pois, no âmbito dos gêneros que os recursos linguísticos têm seus significados especificados.

Assim, ao dizer que o estilo é do gênero, afirma-se que, ao tomar a palavra, tanto o locutor quanto o interlocutor já têm uma expectativa, *uma sensação do conjunto do discurso*, em termos bakhtinianos, *embora também nada impeça rupturas*<sup>45</sup> com as expectativas e sensações projetadas, já que o preenchimento da lacuna entre o regular e o emergente dos gêneros é contingente, é específico de cada atividade interacional.

Por essa explicação, podemos inferir que, para os ETO, é a face potencialmente emergente dos gêneros que mais importa, pois é aí que os elementos que lhe são constitutivos – como o estilo – podem ser variavelmente mobilizados. Isso significa que, tal como um gênero não pode ser visto como sempre idêntico a si mesmo – porque a cada interação ocorre um ajuste singular entre texto e gênero –, *o estilo de um gênero também não é sempre idêntico*, já que depende, para se constituir, também das circunstâncias da interação.

Diferenças estilísticas entre diferentes textos de um mesmo gênero podem, então, por exemplo, ser indicativas de diferenças ideológicas, identitárias, da qualidade da relação entre os participantes, de quebra de expectativas, de determinados objetivos etc., e o exame de tudo isso pode fazer ver justamente aquilo que é central para os ETO: *personas* projetadas, a agentividade dos sujeitos na construção de identidades, o significado social de variáveis sendo constituído localmente, a mutabilidade indexical dos recursos linguísticos para projetar diferentes discursos etc.

Tomando, portanto, os gêneros como uma prática discursiva, na qual se inscreve a prática estilística, o estudo do estilo se afasta da preocupação com o exame formal dos recursos linguísticos, para se dedicar à seguinte questão: “como a organização genérica dos aspectos linguísticos funciona como um recurso para a realização de objetivos sociais na condução da vida social?” (BAUMAN, 2001, p. 59)<sup>46</sup>. Esse parece ser o interesse de ETO, ao recorrerem aos gêneros do discurso: compreender a dinâmica da vida social.

Especialmente para esse tipo de compreensão é que os gêneros do discurso têm o potencial de se converterem em instância privilegiada para a análise da língua enquanto sistema

---

<sup>45</sup> Note que quebras de expectativas, que podem, por exemplo, fazer parte das intenções de uma enunciação para criar algum efeito – como o humor – só ocorrem porque há expectativas sociais, algumas mais gerais e partilhadas por grandes grupos, e outras mais específicas, partilhadas em pequenos grupos.

<sup>46</sup> “[...] how does the generic organization of linguistic means serve as a resource for the accomplishment of social ends in the conduct of social life?”.

semiótico dinâmico, enquanto atividade social que, em parte, é estruturada e, em parte, é emergente; em parte responde a padrões preexistentes e em parte constrói novidades, estando, portanto, os recursos linguísticos, a serviço da dinâmica da comunicação social.

Especificamente em relação a fenômenos variáveis, tudo nos leva a acreditar que variantes são agenciadas pelo conjunto projetado da enunciação. E no interior dessa é que ocorreria a especificação do significado social de uma variante, por exemplo, de modo que uma análise segundo as concepções delineadas neste texto deveria examinar o conjunto de recursos que coocorrem em um gênero.

Muitas dessas considerações parecem já estar indiciadas na literatura brasileira sobre variação estilística, independentemente da fase variacionista a que se alinha o trabalho, conforme se depreende, por exemplo, da coletânea *Variação Estilística* (GÖRSKI; COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014), com proposições e resultados de pesquisas diversas e que seguem diferentes quadros teórico-metodológicos:

- (i) O que determina o estilo pode estar no comportamento que extrapola o aspecto linguístico (DA HORA, 2014; SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014);
- (ii) A relação valorativa que os sujeitos estabelecem com os aspectos constitutivos da interação (como o interlocutor e o tópico) pode ser a chave para a compreensão do que determina os usos de fenômenos variáveis (DA HORA, 2014; SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014);
- (iii) Os gêneros (do discurso) são o *locus* de análise da variação estilística (SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; FREITAG, 2014; TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014);
- (iv) O estilo linguístico é do gênero (TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014);
- (v) A análise da variação estilística extrapola resultados meramente quantitativos, porque deve observar a qualidade da interação (DA HORA, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014; COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014; BERLINCK; TAVARES, 2014; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014);
- (vi) O que conta na análise da variação estilística é a persona estilística – e não o sujeito empírico (GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014; COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014);
- (vii) A relação entre forma e contexto é de mútua constitutividade (GÖRSKI; VALLE, 2014);
- (viii) O exame da situação interacional é central para o exame da variação estilística (GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014; COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014; BERLINCK; TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014);
- (ix) A análise contrastiva é profícua para o exame da variação estilística (TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014);

- (x) A esfera de produção dos gêneros é relevante para a distribuição dos recursos variáveis (BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014). (Adaptado de BRAGANÇA, 2017, p. 569-570).

O que parece faltar à literatura variacionista é, tendo em vista uma sistematização de todos esses aspectos que motivam a variação, admitir que esses últimos *pontam para os gêneros do discurso*, não como um elemento alternativo para a análise, na forma de contorno explicativo ou de variável independente, dentre tantos outros modos de abordagem, mas como *eixo central de análise*: eles são o todo das partes que estamos vendo aqui e acolá.

Uma teoria de gêneros do discurso, a fim de promover uma correta colocação do problema do estilo, parece ser, portanto, indispensável aos variacionistas, especialmente aos que desenvolvem ETO, uma vez que o estilo linguístico precisa ser visto como *orientado* histórico-culturalmente ou como sendo do gênero – considerando todas as explicações anteriores sobre seu funcionamento.

Desse modo, também o estilo, tal como o gênero, precisa ser visto como flexível e plástico, sensível aos aspectos que constituem a interação – é nesse âmbito que se compreende, então, que variáveis linguísticas não podem ter um significado estático, mas um significado geral que é especificado em cada contexto de ocorrência; e, por isso, a propriedade central de uma variável ser a mutabilidade indexical.

Assim, um mesmo gênero (uma entrevista, uma notícia jornalística, uma aula etc.), realizado por sujeitos ou grupos sociais diferentes, pode apontar para estilos distintos, demandando análise, para explicação disso, das identidades projetadas, das intenções comunicativas, da relação constituída com o auditório, do tempo histórico de cada interação etc. E, quanto maior for a distância entre o esperado para uma situação de interação e o realizado, entre, portanto, o regular e o emergente de um gênero, maior será o estranhamento: que efeitos isso produz, em termos estilísticos? Como os fenômenos variáveis participam dessas quebras de expectativas de gêneros? Como, por meio desse recurso, por exemplo, os sujeitos se mostram mais agentivos, mais criativos, frente às balizas sociais para o dizer?

Porque, então, os gêneros do discurso indiciam, por todos os lados, a dimensão social que os engendra, se se pretende explicar a *motivação para a constituição estilística* de um texto de gênero – e, dentro disso, se se pretende explicar o funcionamento de fenômenos variáveis, tomados como recursos para a configuração estilística da interação –, há que se considerar os elementos dessa dimensão. Isso é que parece trazer complexidade – ainda maior – para os ETO, uma vez que, quando se toma a língua como atividade social, reconectada com sua

exterioridade, não há categorias de análise dadas *a priori*, embora possa haver diretrizes de análise, uma vez que se deve depreender de cada prática sob exame os fatores de análise.

Pondo em diálogo os ETO e os ECB, pode-se destacar, então, como *diretrizes para a análise da dimensão social da interação*, a observação dos seguintes aspectos, dentre outros, a maioria deles já tendo se mostrado relevante em ETO: (i) conjuntura socioeconômica – cf. Zhang (2005); (ii) sistemas ideológico-culturais – cf. Labov (2008 [1972]); Eckert (2000; 2005); Ivine (2001); Salomão-Conchalo (2015); (iii) perspectiva pessoal/ avaliação – cf. Podesva (2007); Salomão-Conchalo (2015); (iv) tipo de interação social – cf. Bauman (2001); (v) audiência – cf. Bauman (2001); (vi) tipo de relação entre os interlocutores – cf. Bauman (2001); (vii) conteúdo temático – cf. Bauman (2001); (viii) organização estilístico-composicional – cf. Bauman (2001); (ix) grupo social – cf. Labov (1972 [1963]); Eckert (2000; 2005); Salomão-Conchalo (2015); (x) relações cronotópicas (ainda não investigadas pelos ETO); (xi) enunciações alheias (precedentes e subsequentes) – (ainda não investigadas no âmbito dos ETO, embora Zilles e Faraco (2002), a partir de um diálogo entre pressupostos labovianos e bakhtinianos, já tenham apontando a relevância do discurso reportado, para o exame de fenômenos variáveis).

A fim de dar conta, portanto, da explicação sobre como fenômenos variáveis constituem recursos estilísticos, ou seja, como são (mais um) elemento do estilo de vida de sujeitos sócio-histórica e ideologicamente constituídos, os ETO parecem encontrar os gêneros do discurso – porque o estilo é dos gêneros – e se voltar cada vez mais para um quadro *transdisciplinar*, em busca de explicações sobre a configuração da paisagem social.

Em outras palavras e retomando a pergunta orientadora dessas discussões - *afinal, porque os gêneros do discurso são relevantes para os estudos variacionistas, particularmente para os de terceira onda?*: porque a variação linguística/estilística é um recurso constitutivo (/parte) da enunciação, *porque é para a enunciação que o estilo se volta*; compreendendo, portanto, o todo da enunciação (e seus tipos relativamente estáveis – os gêneros do discurso), compreende-se também cada uma de suas partes, ou seja, sua estrutura e significado (performático).

## **Considerações finais**

O objetivo deste texto foi refletir sobre a potencialidade dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas, especialmente para os ETO, uma vez que, há tempos, muitos trabalhos

apontam os gêneros como um importante elemento para a explicação de fenômenos variáveis, e agora parte dos ETO vem fazendo referência, ora direta, ora indiretamente, aos ECB.

A razão para esse segundo ponto é que, como se observa na literatura, tem ocorrido um reposicionamento das dimensões (linguística, social e estilística) que constituem a base teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, de maneira que a *dimensão estilística*, de lugar secundário, passou a ser o centro da abordagem, em sua terceira fase. Agora, (i) língua como sistema semiótico social dinâmico; (ii) falante como sujeito agente e criativo para/na construção de identidades/personas; (iii) estilo (social e linguístico, atrelados) como prática estética, que tem origem em conteúdo ideológico, e como lugar de manifestação identitária; (iv) variação linguística como variação (sempre) estilística, porque construtora de significado social; (v) significado social como efeito da atividade estilística; (vi) mutabilidade indexical como propriedade central de variáveis que, tendo um significado geral, só ganham especificidade em contextos de uso específicos, passaram a ser as noções, dentre outras, mais relevantes para os ETO.

Todas essas mudanças, mais do que ampliarem o escopo de preocupações da abordagem variacionista, parecem *recolocar questões fundamentais sobre a própria natureza da linguagem*, e isso é que pode ter conduzido o campo para uma aproximação com os ECB, na medida em que alguns autores dos ETO admitem a importância de se examinar a variação no seu ecossistema de significados discursivos, entendendo (tanto os ETO quanto os ECB) *discurso* como um posicionamento ideológico que se assume, frente a outros da paisagem sociocultural.

Assim, considerando alguns pontos de aproximação entre essas duas abordagens e tecendo algumas articulações entre outros pontos, ponderou-se que, por ambas tomarem a língua em uso efetivo (ao que os ECB denominam *enunciação*) como um objeto estético, ambas admitem também língua como atividade performática e estilística, como efeito da agentividade de sujeitos que, em parte seguem balizas sociais para serem o que são, para dizerem o que dizem e, em parte, criam novidades, a fim de se projetarem na paisagem sociocultural, indiciando, assim, em cada uso linguístico, condições histórico-culturais e pragmáticas, bem como as finalidades de cada campo cultural a que se vinculam, de maneira que reconectam o linguístico e sua exterioridade.

Disso tudo, o que mais diretamente interessou às discussões propostas é que se os ETO têm como ponto central a questão do estilo e se parte da literatura dos ETO vai buscar em teorias discursivas, especificamente nos ECB, explicações sobre esse ponto, praticando, assim, uma

*estilística discursiva*, então há indicativos de que o funcionamento da enunciação e de suas formas típicas de construção, os gêneros do discurso, são relevantes para o estudo do estilo.

*Eis o potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas.*

### **Contribuição de autoria**

1. **Marcela Langa Lacerda**: CRediT: Conceptualização, Escrita –rascunho original e Escrita –análise e edição.
2. **Edair Maria Görski**: CRediT: Conceptualização, Escrita –rascunho original e Escrita – análise e edição.

### **Conflito de Interesse**

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

### **Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa**

Avaliando os roteiros propostos pela [EquatorNetwork](#), consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

### **Declaração de Disponibilidade de Dados**

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

### **Referências**

ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**: a palavra na vida e na poesia – introdução ao problema da poética sociológica. Tradução de Valdemir Miotello *et al.* São Carlos: Pedro & João, 2011 [1929].

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53], p. 261-306.

BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1959-1961], p. 307-335.

BAKHTIN, M. M. O problema do autor. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979], p. 173-192.

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, notas e posfácio de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940-1960].

BAKHTIN, M. M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 2014 [1924], p. 13-70.

BAKHTIN, M. M. [Volochnov]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 2014 [1934-1935], p. 71-211.

BAUMAN, R. The ethnography of genre in a mexican market: form, function, variation. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 57-77.

BELL, A. Back in style: reworking audience design. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BERLINCK, R. A.; BIAZOLLI, C. C.; BALSALOBRE, S. R. G. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 261-279.

BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma**. Tese [Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa] – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Araraquara/SP, 2016.

BRAGANÇA, M. L. L. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 79-102.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. N. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE

SOUZA, C. M.. (org.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 163-199.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.

COUPLAND, N. **Style**: language variation and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DA HORA. Estilo: uma perspectiva variacionista. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p.19-30.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the **Annual meeting of the linguistic societ**. 2005. Disponível em: <<<http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>>> Acesso em: 03/abr/2019.

ECKERT, P. Variation and the indexical Field. **Journal of Sociolinguistics** 12/4, p. 453-476. Oxford: Blackwell, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. **Third wave variationism**. Penelope Eckert Subject: Linguistics, language and cognition, sociolinguistics Online Publication Date: Feb 2016. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 20 nov 2019.

ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation**: The third wave in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em [https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning\\_and\\_linguistic\\_variation.pdf](https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf) Acesso em: 10 março 2020.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano**: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. NUNES DE SOUZA, C. M.. (org.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 125-141.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.) **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014, p. 67-92.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. Stylistic models in sociolinguistics and social philosophy. *In: Language Variation: Research, Models, and Perspectives*. n.7, 2019. Disponível em: <https://lipp.ub.uni-muenchen.de/lipp/article/view/4874>. Acesso em: 13 abril 2020.

IRVINE, J. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. *In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

KIESLING, S. F. Constructing identity. *In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (ed.). The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013, p. 448-467.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOBATO, L. C. R. **Gênero textual na metodologia de pesquisa em gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. *In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.) Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2008.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro na língua portuguesa ontem e hoje**: variação e mudança. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*, v.11, p. 478-504, 2007.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUCSP, São Paulo, 2001.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. *In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (ed.). The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327-349.

SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. *In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 33-52.

SILVA, A. **A expressão da futuridade na língua falada**. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1997.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, 23, p. 193-229, 2003.

STROGENSKI, M. J. F. **O uso da expressão do futuro em textos literários**: uma análise em tempo real de curta duração. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014, p. 203-223.

TAVARES, M. A. Gênero textual na interface variação-gramaticalização: o caso da perífrase v1 (e) v2. **Revista do GELNE**, Natal/RN, vol. 22, n. 2, p. 1-13, 2020.

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba**: variação e gramaticalização. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93- 121.

VIEIRA, M. H. C. **Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana. *In*: VOLOCHÍNOV, V. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925], p. 29-69.

VOLOCHÍNOV, V. Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. *In*: VOLOCHÍNOV, V. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926], p. 71-100.

VOLOCHÍNOV, V. A construção da enunciação. *In*: VOLOCHÍNOV, V. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930], p. 157-188.

ZHANG, Q. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. **Language in Society**, 34:431-466, 2005.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral. *In*: VANDRESEN, P. (org.) **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002, p. 15-46.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.